

O ABOLICIONISTA

LIBERTAS, QUÆ SERA TAMEN

CEARA.

AMAZONAS.

BARRAS

AMARIAÇAO

JAICÓS

Publica-se 1 vez por semana. Assignaturas 2\$000 reis por trimestre para a capital e 5\$000 por semestre para o interior—Pgamento adiantado. Toda correspondencia deve ser dirigida a typ. do «TELEPHONE».—Rua BELLA.

O ABOLICIONISTA.

Theresina 19 de Dezembro de 1884

O FIM DESTE JORNAL.

Tres dos nossos companheiros de trabalho, infundadamente molestados pelo nosso ultimo edictorial. «As proximas eleições, vierão pela Época protestar contra as idéas, nelle expendidas.

Entretanto, cumpre-nos demonstrar que o artigo incriminado não importa directa e nem indirectamente infracção ou desvio do programma que adoptamos nem podia significar uma simples adhesão a grupo algum militante, defendendo esta ou aquella candidatura. Dissemos e outro não devia ser o nosso procedimento, que um abolicionista sincero não podia votar, sem quebra da sua coherencia em um escravagista, em um individuo que fosse ao parlamento combater a idéa que constitue para nós um ponto capital. Aconselhamos que houvesse retrahimento ante o pleito eleitoral, ante a batalha ferida em arraiaes adversos.

Fazendo semelhantes declarações, como uma manifestação ur-

gente, indefectível e necessaria, da nossa parte não fiseinos mais do que emittir em nome do partido abolicionista, a nossa opinião acerca da attitudo que deviamos tomar diante das urnas, das quaes depende ou um avanço ou o retardamento das nossas idéas. Si nos constituimos em um partido, em um grupo serio, compacto, que deseja ver triumphar a santa cauza da redempção dos captivos, o que consideramos a questão suprema para o paiz, como cruzarmos os braços justamente no momento em que a sorte da nossa causa depende em parte do resultado das eleições geraes?

Si somos abolicionistas convictos, sinceros, que antepomos a todos os principios os da nossa bandeira, como não repellir instantemente a candidatura deste ou d'aquelle escravocrata? Ou somos abolicionistas e neste caso não podemos transigir votando em um escravocrata ou não somos e neste caso, sim, façamos nossa a divisa adversa e arranquemos o rotulo que tão mal nos assenta. Não ha, pois, meio termo possivel. Não é licito acreditar-se que um abolicionista vote em um escravocrata, pela simples razão de não ser licito um eleitor delegar os seus poderes em quem não pode merecer o seu apoio e confiança, graças as idéas que adop-

ta e propaga. A que ficaria reduzido o papel do abolicionista, desde que não se interessasse em enviar ao parlamento um individuo que advogue a sua cauza? E visível senão ridicula a obstinação abastardada com que se quer acobertar a incoherencia mais palpitante e evidente de que ha noticia.

Os nossos correligionarios do Ceará, por exemplo, repellam a candidatura do conselheiro Rodrigues Junior baseados coherentemente na doutrina que defendemos.

Em todas as provincias os escravocratas negão o seu apoio aos abolicionistas pela mesma razão.

Entre nós mesmo temos visto circulares pedindo votos, allegando que trata-se de uma questão alheia aos partidos—a questão da propriedade e que todos os que querem defendel a no escravo, devem votar em quem va ao parlamento bater os principios abolicionistas.

E' claro, portanto, que nós, embora collocados em distancia dos dois partidos militantes, mas interessados seriamente pela soluçãõ da crise que atravessamos, deviamos aconselhar aos eleitores nossos amigos, abstenção da luta, caso não lhes merecesse confiança o candidato apresentado pelos liberaes e acollimado de candidato abolicionista. Onde está a defeza do can-

didato liberal? O nosso ponto de vista era este: evitar que, por mal entendidas condescendencias politicas, fossem os nossos amigos voltar em um escravagista, em um individuo cujo unico titulo de recommendação ao eleitorado era ser escravocrata. Qual devia ser a nossa attitudo diante do pleito eleitoral? Calarmos-nos, condescendendo com o candidatura de um escravocrata? Não. Não fazemos politica; mas o nosso imperioso dever era, e é, e será, na qualidade de órgão propagandista, guiar a opinião, esclarecendo-a em harmonia com os nossos principios. A não ser para isto, para que este jornal? Para dizer velhos lugares communs sobre um thema sedico? Para pactuar cobardemente com todas as secretas transacções que são outras tantas quebras, não dizemos de dignidade, mas de coherencia? Não. Este jornal, em cujo gremio azilão-se cidadãos de todos os credos, unidos unicamente pelo laço confraternizador, pelo unico desejo de trabalhar pela redempção dos captivos, não devia calar-se, consentindo pelo seu silencio criminoso, que fosse votado um escravocrata por aquelles mesmos que se dizem mais sinceros abolicionistas! Não podia, não devia calar-se cautamente, procurando acobertar com o seu silencio, repetimos, punjentes

FOLHETIM DO "ABOLICIONISTA"

TRES BOTÕES DE ROSA.

(ROMANCETO)

Por J. F.

(A' Clódoaldo Freitas e Joaquim N. Paranaçu.)

(Continuação)

IV

Depois de ter fallado com todas as pessoas presentes fui assentar-me n'uma cadeira vaga, que se achava proxima das em que estavam as duas irmãs e suas companheiras, conservando-me silencioso alguns instantes quando fui interrompido por esta interrogação partida de uma das meninas:

—Tem gostado do Recife, doutor?

—Bastante. O Recife é uma cidade que muito aprecio, por me trazer recordações bem agradaveis do tempo da infancia. Não sei se já lhes disse que sou pernambucano...

—Sim?... Interrompo-me a Albertina, então o doutor é natural da nossa provincia!... Estimo bem saber d'isso, porque assim poderei, sem medo de errar, contar o no numero dos pernambucanos illustres.

—Obrigado... pelo gracejo.

—Não, não é gracejo; lembro-lhe de que não é esta a primeira vez que o reconheço como um moço de muito talento e a quem já apreciava, antes mesmo de conhecê-lo pessoalmente...

—Sempre delicada e lisongeira D. Albertina...

—Eu sou quem deve dizer: sempre modesto e lisongeiro doutor...

—La esse dialogo prolongando-se quando a Celina não sen ar reflectido e ameno interrogou-me de novo sobre o que eu narrava.

—Fazem muitos annos que se havia retirado de Pernambuco Dr. Alfredo?

—Faziam já 14 annos que deixara o Recife, quando n'uma manhã sentida tive de novamente voltar a este bello torrão, que tantos encantos encerra. E mais do que nunca tenho admirado a belleza natural d'esta cidade—entrecortada de rios, que tanto aformoseam-na fazendo-a rica de paisagens, que enchem de vivo prazer o olhar observador do viajante despreocupado, e de idéas luminosamente romanticas o cerebro exaltado do poeta inspirado.

—E da sociedade pernambucana o que me diz doutor? interrogou-me a Albertina.

—Ah! Da sociedade que me cerca presentemente tenho gostado immenso, admirando a delicadesa, o tracto fino e honrosa distincção que me tem prodigalizado...

—Não, Dr. Alfredo, não quero que especifique esta ou aquella parte da sociedade, mas, sim, desejo saber se tem gostado d'ella em geral.

—Muito. Tenho em tão pouco tempo recebido provas tão salientes da bondade das familias com que tenho tido a felicidade de entreter relações de amizade, que só posso gabar os meus comprovincianos. Demais eu sigo um principio do qual não me separo, sempre que convivo com esta ou aquella pessoa, ou com esta ou aquella sociedade.

—E qual é este principio? pergantou a Albertina com gentileza inebriante.

—E' o seguinte: gostar de quem me dispensa atten-

ções, e dizer sempre bem d'aquelles que despidos de preconceitos me acolhem com sua amizade, escrivando-me por meio do agrado, a arma mais persuasiva que co-

—E por essa razão, n'isso não viso lisongear-as, que me sinto feliz to-las as vezes que me cabe a subida honra de estar alguns instantes em companhia da estimavel e distincta familia do sr. Commendador Costa, onde tenho sido alvo das provas mais inequivocas da bondade e delicadesa de todos, desde o dia em que, devido a instancias do meu amigo o sr. Luiz da Costa fui apresentado a essa illustre familia...

—Obrigado doutor, o sr. merecia de nós o melhor tratamento, e no entanto é tão generoso que desculpando todas as faltas eleva nos tanto...

—Não; eu mal faço justiça, o que não é um crime, como me parece...

Nesse momento entrava o Luiz acompanhado do dr. Lemos e suas filhas a quem fóra buscar no sitio vizinho, a pedido das irmãs.

Com a entrada dessas moças interrompemos a conversação encetada; e, depois dos cumprimentos do estylo começamos a tratar de outros assumptos. Fallou-se, então da companhia lyrica, que trabalhava no theatro Isabel, tecendo-se elogios a Libia, uma cantora das melhores que tem subido ao palco nestes ultimos tempos, e, por fim, veio-se a tratar de uma promessa que havia feito a Albertina ás amigas recémchegadas,—de cantar ao piano o brinde da Traviata, esse trecho lindissimo da musica italiana.

—Agora queremos ouvir-te cantar a aria que nos prometteste desde muito, disse a Rosinha, uma das filhas do Dr. Lemos.

(Continua)

incoherencias, tristes descabidas que indicão valentemente quanta sinceridade ha ali por esses que se apregoão apostolos das grandes ideas, que, entretanto, renegão pela mais insignificante couza, pelo mais reles prato de lentilha!

Si este jornal não devesse dar grito de alarma nos dias calamitosos, a sua missão seria ridicula.

O abolicionista sincero não é liberal, nem conservador: é abolicionista. Dominado pela grande idea, deve somente ter em vista que a sua cauza triumphe, pouco lhe importando que seja com este ou aquelle partido, por quanto acima de todos os passageiros interesses mesquinhos dos partidos, estão os grandes interesses humanos, ligados a cauza da redempção.

Como se conceber, preguntamos com insistencia, um abolicionista sincero, votando em um escravagista? Assim como um conservador sincero não vota em um liberal e vice-versa, assim um abolicionista não pode votar em um escravocrata e vice-versa. Mas, estamos sem necessidade alguma, demonstrando o que ninguém razoavelmente pode contestar. Os illustres protestantes, que são mais conservadores que abolicionistas; que poem as ideas conservadoras acima das ideas abolicionistas, querem fazer crer que o editoria! incriminado cheirava a politica, procurando essa evasiva para acobertar uma lamentavel incoherencia.

Mas não o podem provar, com quanto o digão. O programma deste jornal é defender o abolicionismo seja contra liberaes, seja contra conservadores; seja na bocca das urnas, seja onde quer que perigã a idea. A não ser para esse fim, para que este jornal?

Este jornal é de um grupo de homens decididos o leaes. A elle compete decidir se o editoria! foi ou não a expressão genuina do programma abolicionista.

Para elle appellem os illustres protestantes. Ainda é tempo. Se o seu veredictum for contra nós é dever nos retirarmos-nos, pois não pertencemos a um jornal escravagista; si for por nós, S. S. fação o que quizerem. Não os enxotamos. O coração abolicionista é largo.

OS CRIMES DA ESCRAVIDÃO.

(Tradução para o "Abolicionista" por W.)

I

Não se explica, não se concebe sequer, como depois de haver passado XIX seculos do christianismo, desta religião que proclamou a egualdade natural de todos os homens e mais de meio seculo da revolução que deu ao grande principio as instituições e as leis, ainda, em um povo que se chama christão e até exclusivamente catholico, e se jacta com justo titulo de haver revelado o mysterio da existencia do Novo ao Velho Mundo, subsiste o feroz crime, jamais bastante execrado; que avilta a homens

eguaes a nós outros e os caza e os troca nos mercados convertendo-seo matrimonio no ajuntamento das bestas; violando horrivelmente nelles a paternidade, em suas mulheres a maternidade, o mais sagrado, o mais sublime dos mysterios humanos; matando o sopro do espirito, os vislumbres da consciencia, a idéa religiosa, para reduzi-los a machinas dispostas a colher o café, a refinar o assucar; regulando o paladar e o gosto dos poderosos e dos felizes, a custa de todos os sentimentos de dignidade, de todas as idéas de justiça; a custa da perversão completa e da morte moral de uma sociedade, si é que tal pome merece a que gera o cadaver da escravidão em suas entranhas.

II

A medida que os seculos se illustrão, que os povos se civilisão, a escravidão vae sendo mais execravel. Todavia ella se explica nos primeiros tempos, no reinado da força e da conquista, quando nascião os imperios cyclopicos, cuja rudeza barbara descansava sobre as espaldas de milhões de homens vencidos e encadeados. A moral era a força; a religião o tributo de respeito pago aos animaes mais poderosos, ao elephante, ao boi, ao leão, a aguia; o governo—a theocracia barbara que só conhecia a fogueira do holocausto e a espada de combate; a sociedade inteira, uma sobreposição de castas petrificadas em degradante immobilidade e para suster todos estes erros, para sancionar todos estes crimes, para combater e dominar a natureza, sempre rebelde, e como desgarrada pelos ultimos esforços da rude creação, como que necessitavão-se d'aquelles infelizes destroços da guerra, que em lagunas infectas, em dezertos abrasados, em subterraneos profundissimos onde era eterna a noite, trabalhavão ao som de sua cadeia, com o estygma da escravidão na fronte e o latego sobre a espada, em fazer de uma rocha uma estatua, em apartar um rio para levantar um sepulchro mais alto que as montanhas, em talhar uma esphyngue com as pedras cyclopeas dissimuladas pelo diluvio; em construir aquelles immensos palacios que assignalão em suas ruinas, semelhantes pela grandeza as ruinas de um planeta, o que erão as sociedades fundadas na conquista e na força: um templo para os senhores convertidos em deoses e um calabouço para os escravos convertidos em bestas. Todavia, mesmo no refinamento da civilização grega, quando o dogma da desigualdade natural dos homens baixara da religião e transcendia até a mente dos poetas e dos philosophos, se concebe que aquella raça artistica, guerreira, composta de heroes e oradores, cuja principal occupação erão os jogos pithicos e cujo principal timbre era sua lyra, com a qual se solemnisava desde suas batalhas mais sangrentas até suas cerimoniaes mais piedosas, buscasse outra raça que julgava inferior ou pela intelligencia ou pela

força e a submettesse como os dorios submeterão os acheos ou a vendesse em hasta publica como Achylles vendeo o joven Lycaos, filho de reis, aos senhores de Lemmos. Quando o mundo antigo se decompunha, quando passavão aquelles insensatos Cezares sobre o Capitolio, enfurecidos pela impotencia, por isso mesmo que se sentão em cima do mundo e vem a humanidade degradada e muda as suas plantas, se concebe que se ornasse com dez mil cruces, com dez mil escravos o caminho dos vencedores; cabissem setecentos germanos misturados em confuso montão de carne humana sobre a arena do circo; que desesete mil gladiadores morressem nos espetaculos feridos nas fraldas do Apenino, porque todas essas ferocidades erão como os ultimos stertores do monstro da escravidão, como a ultima agonia do deos—natureza que ao espirar de velhice e de fraqueza, ressuscitava as ferocidades de sua juventude como si quisesse que o mundo o amaldiçoasse ao sepultalo para sempre ao pé da cruz, do patibulo do escravo, que hia ser a letra inicial das edades novas.

III

Vem os tempos modernos. A carta religiosa se rompe desde o momento em que pastores e reis se congregão em torno do berço donde nasce ou da cruz onde morre um vencido, um trabalhador, um escravo. Tudo quanto o mundo antigo havia julgado virtude se converte em vicio, como odio eterno e inextinguivel da patria a todas as razas, a todas as gentes, como a superioridade moral do patricio sobre o escravo. Tudo quanto o mundo antigo havia julgado vicio se converte em virtude, como a humildade, a abnegação, a caridade, o esquecimento de si mesmo, a debilidade, a pobreza. *O adversus hostes eterna auctoritas esto* se transforma no *amate inimicos vestros*. O que veio transformar desta maneira o mundo viveo no estaleiro dos trabalhadores, mesmo no patibulo dos escravos.

Seo eterno dominio espiritual sobre o mundo e sobre a consciencia está fundado no milagre de haver trazido a terra a religião da egualdade.

O que a religião faz na esphera da fé e do sentimento, faz a sciencia na esphera do raciocinio. Desde Descartes a Kant; desde Kant a Hegel; desde Hegel a Krausse, todos os philosophos proclamão a unidade fundamental do espirito humano, sua identidade consigo mesmo em toda a dilatação do espaço, em toda a duração dos tempos. O que a religião havia sentido e o que a philosophia pensou, a physiologia veio demonstralo na esphera da observação e da experiencia. Geoffroy de Saint Hilaire demonstrou definitivamente, vencendo a todos os que crião na diversidade de typos, na diversidade de organismos antes da especie humana, demonstrou a unidade physiologica, a unidade natural do homem. Não ha mais que uma planta; não ha mais

que um animal; não ha mais que um homem. Esta unidade da creatura é o brilhante reflexo da unidade do Creador. A revolução franceza, antes ou depois dessas conquistas da sciencia, per uma especie de advinhação divina que trouxerão aquelles homens, que apparecem aos olhos da historia com os pés mettidos no lodo ensanguentado dos caes e a fronte perdida nos esplendores do ceo; a revolução franceza declarou abolida a escravidão e desta sorte sellou a democracia as promessas do Evangelho.

IV

Porem os reacionarios disião todos os dias aos democratas: «Como vos atreveis invocar a abolição da escravidão? E' certo que a revolução franceza a consummou; porem a revolução franceza não foi senão um delirio vosso, o phrenesi tragico da liberdade que surprehendeo o velho mundo transtornado pelas recordações da antiguidade classica, cuja virtude o embriagou como se houvesse bebido um vinho generoso. A republica modelo; a que se levantou em uma terra virgem; a que fundarão os puritanos, os heroes da liberdade de consciencia; a que tem independente o pensamento, seguro o lar, universal o sufragio, vigente o jurado, amovivel e responsavel o poder, iguaes a todos os cidadãos; carta de naturalisação para todas as razas, espaço para todos os tempos; a que realisou o ideal: essa republica está sustentada como Nive e como Babylonia, por tres milhões de escravos.» Tal argumento nos pesava como um peção de chumbo.

Antes quiséramos os Estados Unidos mortos que familiaridades com a servidão. Porem ja visteis o que fizerão, para contestar esse argumento, nossos simples e grandes homens da America do Norte. Ja o visteis, reacionarios, si é que a pupilla dos olhos de vossa alma tem força bastante para resistir tanta luz. Invocarão o Deos da liberdade; aceitarão a guerra como um grande castigo pelo peccado nacional da escravidão; fallarão aos donos de escravos na sublime linguagem dos antigos prophetas; despojarão-se de seus bens para romper suas algemas; derão seo puro sangue saxão, sua branca pelle pela dignidade e pela liberdade d'aquelles negros, menos estimados que os caes; ensanguentarão o Mississipe; cobrirão de minas os campos e as montanha da Virginia; immolarão em crosada da dignidade e da egualdade humana um milhão de homens que, as mães americanas, a fronte inclinada sobre o Evangelho, virão morrer na terra porem renascer no ceo e sobre as ruinas de Richmond, entre o choque de dois mundos, derreterão as cadeias de tres milhões de escravos e se levantarão, como o epilogo de tão grande poema, que está aguardando o genio de Homero, augmentado pelo genio de Dante, seja rejuvenecidos ambos pela seiva do Novo Mundo; se levantarão como o epilogo deste poema, disião, o sacrifici-

cio de Lincoln, desse segundo Christo dos negros.

V

Porem, ah! que existe um paiz na terra onde ainda vive a escravidão! Muito custa dizel-o, sim; doe-nos immensamente a nós outros, que tão desinteressadamente amamos nossa patria. Este infeliz paiz é a Hespanha. Sim; na Hespanha existe ainda a abominação da servidão. Na Hespanha existe ainda o descendente dos que alimentarão o fogo dos sacrificios indios com seus ossos; amollecerao as pedras do Egypto com seu suor e tingirão com seu sangue os circos de Roma. Nosso paiz, o paiz catholico per excellencia, é o unico que ainda consente que haja homens submissos ao pezo, castigados pelo latego, incapazes de possuir sua propria personalidade nem ter aquelles direitos que são o blasão divino de toda creatura humana. E' necessario dizel-o a todas as horas, para que a Hespanha se envergonhe; povoar os ares com os nossos gemidos, para que desperte e lave quanto antes esta mancha, si não quizer que deos afogue-a em um deluvio de sangue!

A escravidão é um grande crime nacional, e assim como os individuos, as nações pagão seus crimes com seculos de terrivel expiação. Quando Babylonia cahia no meio da destruição e do incendio, surgirão seus escravos; quando Roma cahia, seus escravos a castigarão; quando Richmond cahia, os negros entrarão, como os anjos exterminadores do Apocalypse, por seus torreões abrazados. Não temeis que seis centos mil escravos possam levantar no pacifico mar das Antilhas? O que não teme um castigo, não cre na justiça que rege a vida toda; não cre no deos, que preside toda a historia.

VI

Ha alguns dias que tememos um castigo, um merecidissimo castigo. Acabamos de tentar novamente com um grande crime a justiça de deos, desse deos que Lincoln via descarregar sua ira sobre os Estados-Unidos, porque commetião o peccado de consentir a escravidão. Acaba de acontecer um facto que horrorisa. La das costas d'Africa para as costas da America, ha poucos dias, um desses navios negreiros, calabouço; athau-de, centro de todos os horrores, de todas as abominações; onde se sobrepuñão homens como saccos; onde os forçavão, encerrados em escuros purões, a respirar os miasmas de seu suor e de seus escrementos; onde os confião todos os dias para ver se desfallecem e quando julgão proxima sua morte ou tomem o cruzeiro ou necessitão de andar de pressa, arrojão-nos vivos ao mar como uma carga inutil: horrivels crimes, que deshonorã uma epocha inteira, tanto mais quando o seu unico movel é recolher um punhado de ouro vil de mãos dos commerciantes de carne humana! Um desses barcos negreiros chegava as

costas das Antilhas. Quando julgava mais seguro o seu negocio, se apresentou a vista um cruzeiro.

Então o infame navio arrojou sua carga sobre uma illota e fugio. Necessitamos subir aos tempos dos mercenarios em Cathargo para encontrar um facto como o que vamos referir. Os negros erão 83. Ahi tinham por todo azilo as erigadas e esponjosas rochas que o mar combate de continuo e nas quaes nem ao menos é dado fixar as plantas. Nenhum alimento podião procurar. Para apagar sua sede só tinham a agua amarga do mar. Completamente abandonados no meio dos horrores da fome e da sede, morrerão os 83 sobre as duras rochas. Imaginem os leitores as angustias, as duvidas, os sobresaltos d'aquelles infelizes; suas dores moraes, unidas as terriveis dores phisicas causadas pela sede, pela fome; o terror com que vicião a agonia do amigo, a morte do irmão; a desesperação cruel de morrer entre tantas agonias juntas, entre tantas dores, sob um ceo que scintilla alegria, ao longe de umas costas cuja frondosa vegetação, carregada de fructos e povoada de aves, parece como que brincar com a vida e que se offerecia alli em toda sua grandeza para aggravar mais a morte pela fome.

VII

Quando uma instituição pode produzir estes horrores, quando pode chegar a semelhantes consequências, é necessario, para a humanidade, abolir essa instituição.

Os mares devem ficar limpos do trafico. E para que os mares fiquem limpos do trafico é necessario que a terra fique limpa da escravidão. E para que a terra fique limpa da escravidão, basta somente a vontade da Hespanha, que acaba de ver 83 homens mortos, por sua culpa, de fome e sede sobre um escolho das Antilhas, como para recordar-lhe seu crime. Não nos casemos de repetil-o. Oitenta e tres homens mortos de fome e de sede, porque nossas leis sustentão ainda a escravidão. E isto se passa em um povo que se chama catholico? Onde estão esses prelados que tanto se afanão pela coroa de um rei da terra? Como tanta caria, tanta pastoral, tanto sermão, tanta exposição pelos bens temporaes do Papa, que não valem nada, que não significão nada e tanto silencio por 83 almas, que são bens do ceo?

Si querem cumprir seu ministerio; si querem demonstrar a transcendencia social do Evangelho, é necessario que os sacerdotes de Christo recordem ao governo que mantem a escravidão contra as leis de Christo. Com a escravidão não pode haver moralidade; com a escravidão não pode haver religião; com a escravidão não pode haver familia; com a escravidão não pode haver sociedade. Os povos que alimentão a escravidão se vem ameaçados por continuos males. E' necessario que Hespanha desperte; que seus cidadãos intercedão

pelos escravos; que os sacerdotes peção o cumprimento da lei de Christo; que a imprensa não descanse em quanto não levar a idéa emancipadora á todas as consciencias; que as esposas peção por essas esposas infamadas na servidão; as mães por essas mães a cujos peitos aranca perflida mão os filhinhos para vendel-os no mercado; que consigam os matar a escravidão, porque, do contrario, a escravidão matará a nossa patria. Os povos pagão com largos seculos de desgraças o crime da escravidão.

Emilio Castellar.

EXTRACTO.

CAMARA DOS DEPUTADOS

PROJECTO N. 48.

SESSÃO DE 4 DE AGOSTO DE 1884.

PARECER N. 48 A

FORMULADO

em nome das commissões reunidas de orçamento e justiça civil acerca do projecto de emancipação dos escravos,

PELO

SR. RUY BARBOSA.

(Continuação do n.º 7.)

Já em 1848 se reconhecia, nas nossas camaras, que a escravidão «avilta o trabalho», e é uma das causas preponderantes da escassez na affluencia de colonos. Já então o governo, pelo orgão do ministro da justiça, confessava que o trabalho servil é «improductivo.» «Dez homens livres fazem o trabalho de trinta escravos», affirmava, ha quinze annos, o visconde de Jequitinhonha. E, com tudo, já se começam a ouvir de novo, no seio do nosso parlamento, vozes espectraes, influencia fatalmente esterilizadora da escravidão.

A este respeito não sabemos furtar-nos á tentação de verter para aqui as palavras de uma das maiores intelligencias do nosso tempo, votada especialmente ao estudo economico dos phenomenos da producção e da riqueza.

«Quer a commuidade conste de um só senhor e um só escravo, quer de milhares de senhores e milhões de escravos, o captiveiro necessariamente envolve um espendicio de força humana; porquanto, além de ser o trabalho servil menos fructificativo do que o livre, a energia dos senhores despende-se em dominar e vigiar os escravos, distraindo-se de applicações onde estaria o verdadeiro melhoramento. Quanto mais importante é o papel da escravidão no organismo social, tanto menor, proporcionalmente, o desenvolvimento deste. A universalidade do captiveiro no mundo classico é indubitavelmente o motivo por que a actividade mental daquellas eras, tão polidas na li-

teratura é esmeradas na arte, não vislumbrou nenhum dos grandes descobrimentos e invenções da civilização moderna. Nenhum povo senhor de escravos teve jámais o talento inventivo. Numa commuidade proprietaria de captivos poderão as classes superiores apurar-se no luxo e nos instinctos do gosto; mas inventivas não serão nunca. Tudo o que rebaixa o operario, e o esbulha dos fructos do seu trabalho, atormenta o espirito de invenção; e, ainda obtida uma invenção, ou um descobrimento, inibe de utilisal-os. Só a liberdade é dado o segredo de evocar os genios a cuja guarda estão entregues os thesouros da terra e as forças invisiveis no ambiente.»

Nada mostra mais expressivamente a acção amesquinhadora do captiveiro e a influencia fecundante da liberdade sobre o desenvolvimento economico de uma nação do que o exemplo do confronto, mal e falsamente contestado, ainda ha poucos dias, entre os estados septentrionaes e meridionaes da grande federação norte-americana. Para contradictar esses dados, hoje definitivamente registrados pela historia, é preciso desconhecer os annaes contemporaneos daquelle republica, ao ponto de ignorar que a rebelião do sul não teve outro intuito, senão organizar o estado com o captiveiro e por politica a dilatação da desigualdade de

insurreição e por consequente a gloria de iniciarem no mundo o primeiro governo estribado na grande verdade phisica, philosophico e moral de que a sujeição civil ás raças superiores é a condição natural e normal do negro.

Cotejando a situação mental e moral dessas duas secções da federação anglo-americana, deparamos:

No Norte, em 1850, 62.433 escolas publicas dirigidas por 72.621 mestres, com 2.769.991 alumnos. No Sul apenas 18.507 escolas com 19.307 mestres e 581.861 alumnos.

D'entre a raça branca o numero de adultos analphabetos, que era de 1 por 54 nos estados livres, crescia a 1 sobre 12, ou mais de quatro vezes mais, nos estados de escravos. Havia 2.000 d'entre 583.000 habitantes no Maine; (75.000) d'entre 553.000 na Carolina do Norte; 1.055, d'entre 994.000 no Massachussets, e 77.000 d'entre 756.000 no Tennessee. (7 A Carolina do Norte e o Tennessee eram estados de escravos; o Maine e o Massachussets, estados livres.)

Nos Estados da região escrava circulavam 704 jornaes, com 81.038.693 exemplares annualmente; nos da outra, 4.700 jornaes, vulgarizados em 334.146.284 exemplares.

Na parte livre da União, 11.911 bibliothecas publicas, com 3.888.234 volumes; na parte infamada pelo captiveiro, 695 bibliothecas, com 649.577 volumes.

O correio, em 1855, rendia, ao Norte, 4.670.725 dollars; ao Sul, 1.553.198.

O numero das patentes de invenção, em 1855, ascendia, no Norte, a 1.129; no Sul não passava de 268.

As entradas aduaneiras, em 1854, montavam:

No Norte. . . 60,010.489 doll.
No Sul. . . 5,136.939

Diferença. . . 54,873.550

O capital bancario, em 1855, nos primeiros Estados, subia a 230.400.340 dollars; nos segundos se reduzia a 40.078.940.

Sulcavam o Norte 3.682 milhas de canaes, tendo esses Estados despendido 538.313.647 dollars em construir 17.855 milhas de vias ferreas. O sul possuia apenas 1.116 milhas de canaes e 6.839 de caminhos de ferro, que importaram em 93.252.581 dollars.

Nas fabricas do Norte, com 780.576 operarios e um capital de 430.240.031 dollars, a produção elevava-se (1850) a 842.586.038 dollars; ao passo que, no Sul, não passava de 165.413.027 dollars, com um capital de 93.029.879 e um pessoal de 161.773 trabalhadores.

(Continua.)

edicto.
a politica PARTICULAR.

asiva para aco.
avel incoherencia.

Mas não o podem AUKY.

O «ABOLICIONISTA»

Lê-se no Paiz, do Rio:

Qual será o piauhyense—que não sentir-se há cheio de jubilo—hoje que sua provincia levanta-se, riso-nha e garbosa, para sacudir de si o jugo da escravidão?

Agora mesmo, tivemos o prazer de receber os dous primeiros numeros do *Abolicionista*, jornal expressamente creado para defender a causa santa da liberdade naquela provincia—ahi, onde já acha-se livre o municipio da Amarrão, onde as villas de Barras e Jaiós libertaram suas sedes e com grande actividade trabalham para a libertação total de seus municipios.

A appareição do *Abolicionista* é um facto de luz que vem completar a luz já existente no coração dos piauhyenses; elles, que de si já abolicionistas, trabalharam com denodo em prol dessa grande causa, quando não tinham por si mais que a generosidade de seus sentimentos de verdadeira philantropia, e que não farão hoje, que acham-se amparados por este grande e forte estelo, a poderosa alavanca cultora da civilisação a—imprensa—ella que, dirigida sabiamente, como demonstra a sensatez de seu artigo editorial-programa—, vem com os braços abertos ajudal-os nesta luta de honra em que se acham empenhados, abrigando debaixo de sua sombra protectora milhares de infelizes, aos quaes indubitamente deu-se o nome de—escravos!

Mas, temos fé que essa briosa provincia não se distanciará muito do grande movimento abolicionista, e que seguindo o exemplo de suas irmaãs—Ceará e Amazonas—em breves tempos possa dizer—*eu também sou livre*.

Só poderão avaliar as difficuldades e sacrificios com que vão lutar aquellos denodados campeões, os que como eu conhecem a provincia; mas não desanimem—o homem nasceu para a luta, a luta é a vida, e não vive quem não luta.

Prosigam, pois, que um dia terão a justa recompensa do bem que fizeram, e a historia registrará seus nomes entre os dos bemfeitores da humanidade.

Consinta, pois, a illustrada redacção do *Abolicionista* que lhes felicite e admire pelo denodo com que defendem a mais justa e santa das causas—a causa da liberdade.

Said..

Côrte, 15 de Novembro de 1884.

—::(\$%\$)::—

A instrucção no Piauhy vai tomando proporções bem animadoras, tirando assim seus filhos do atraso em que se achavam mergulhados e encaminhando-os para a civilisação que mais tarde se difundirá por todas as camadas sociaes. E os que centro sahirão sem duvida os de quem muito mais devemos esperar.

Ella é uma fonte para onde todos nós devemos nos encaminhar, afim de que ao menos um dia possamos ter o conhecimento proprio de nós mesmos.

Assim, vemos que não é só o sexo forte que nesta provincia recebe uma instrucção mais adiantada, aperfeiçoando-se e procurando por meio do cultivo do espirito erguer-se até as regiões mais elevadas; também o bello sexo, essas florinhas candidas que fazem o nosso orgulho e são as nossas esperanças, se atira com verdadeiro afañ e enthusiasmo á busca desse grande norte, para, por meio de estudo, também colher esses louros que muito honram e ennobrecem áquelles que os adquirem ainda mesmo por meio de esforços os mais extraordinarios.

Não ha muitos dias, fomos testemunhas de um desses factos, que hoje nos faz mover a penna para registrar o referido nos exames da Escola Normal, que tiveram lugar nos primeiros dias deste mez, e cujos resultados excederão bastante á nossa expectativa.

As alumnas, que se apresentaram para os actos de 1.º e 2.º annos, exhibiram-se, sempre no meio de um auditorio bem crescido, tão brilhantemente, que provaram á sociedade o grande aproveitamento que têm adquirido; offerecendo assim mais um edificantissimo exemplo de que também estão n'altura de se nivelar com aquelles que nesta provincia melhor se têm exhibido em exames, quer de preparatorios ou para o curso da instrucção primaria.

Entre todas as alumnas, porem, destacamos a Exm.ª Sr.ª D. Emilia Adosinda Pereira, flor mimosa e delicada, que nos chamou sempre a attenção e foi o alvo constante de muitas felicitações pelas esplendidas provas que fez de todas as materias de 2.º anno do curso normal.

A ella, pois, a todas as mais examinandas, ás pessoas que lhes são caras e aos seus dignos professores, nossas sinceras felicitações.

Theresida, 12 de Dezembro de 1884.

Alguns espectadores.

DOCUMENTO

A que se refere a correspondencia das Barras, publicada no nosso ultimo n.º

Ilm.º Sr. 1.º Supplente do Juiz Municipal em exercicio.—Diz Claudino Gomes de Moraes, que tendo sido nomeado depositario dos escravos Miguel, Marcolino, Florencia e Isidoria, na acção de alforria por indemnisação que movem os mesmos escravos por seu curador contra o coronel José Antonio Rodrigues; acontece que sem ter o supplente sciencia do levantamento do respectivo deposito, foi hoje esbulhado desse direito pelo major Valdevino Ribeiro Torres, que no acto de regressarem os referidos escravos a casa do referido supplicante, digo do supplicante, mandou-os prender por um grupo de capangas que adrede havia preparado; e como isto seja um procedimento violento e arbitrario, contrario ao direito do supplente, vem por isso requerer a V. S. se sirva mandal-o manoteniz na posse daquelle deposito até final decisão da mesma acção.—P. a V. S. que junta esta aos autos, assim haja de definir-lhe.—E. R. M.—Barras, 10 de Outubro de 1884.—*Claudino Gomes de Moraes*.

Informe o escrivão.—Barras 10 de Outubro de 1884.—*Gomes*.

Ilm. Sr. Juiz Municipal.—Tenho a honra de informar a V. S. que o depositario tenente Claudino Gomes de Moraes, apresentou em audiência de hoje os escravos Florencia; Isidoria, Miguel e Marcolino, afim de serem avaffados, emfim requererão os mesmos escravos serem arbitrados seus valores, mas em audiencia me foi apresentado uma petição do coronel José Antonio Rodrigues por seu procurador capitão Raimundo Fernandes Pereira requerendo a entrega dos mencionados escravos finda a audiência, e se sahir della, V. S. e eu, e mais espectadores, vi uma correria (dizem que ordenado pelo major Valdivino Ribeiro Torres) afim de darem audiencia conduzio os mencionados escravos, antes de ser levantado o mencionado deposito.—Barras, 10 de Outubro de 1884.—O Escrivão.—*Benjamin José Constant Wanderley*.

NOTICIARIO.

TELEGRAPHO.

Inaugurou-se a 13 e 14 d'este mez a linha telegraphica d'esta cidade para as villas de Campo-maior e Peripery, o Ceará e a capital do Imperio.

Houve grande concorrência na estação, fazendo o batalhão de linha a guarda de honra.

Desejamos que tivesse havido mais franqueza na entrada da sala onde está collocado o aparelho e que houvesse sido permitido as diversas redacções dos jornaes desta capital também transmitir os seus telegrammas. Entretanto assim não aconteceu. Nós e outros collegas, com quanto convidados officialmente, não tivemos ingresso e, assim, não nos foi dado o prazer de cumprimentarmos, como era nosso intento, a imprensa livre da corte.

Havendo o nosso illustre consocio major Raimundo Sisino de Lima e Almeida solicitado sua exoneração do commando da policia, foi-lhe esta concedida, por portaria de S. Exc.ª o Sr. Presidente da Provincia de 15 do corrente.

O nosso referido amigo, no desempenho das funções do cargo que vem de deixar, houve-se sempre com o costumado criterio, revelando-se um commandante, intelligente, honesto e moralizador.

Para substituil-o foi nomeado o nosso amigo capitão Segisnando Cicero de Alencar Araripe, que reuñe á experiencia de longos annos de serviço militar, os mais apreciaveis predicados para o bom desempenho do cargo.

Ainda no corpo policia derão-se as seguintes alterações.

Foi provido a capitão o alferes do mesmo corpo Ludgero Gonçalves Dias e foi nomeado alferes o Sr. Antonio H. de Salles.

Seguirão hontem no vapor Piauhy, para Oeiras o capitão Jeremias Nunes; o dr. Justino Moura, um distincção comprovinciano nosso, que cursa brilhantemente as aulas de direito no Recife; drs. José Viana Vaz e Firmino Soares e o tenente-coronel Brito Pereira, abastado fazendeiro do Codo. A todos desejamos boa viagem.

Ação-se entre nós nossos distinctos comprovincianos drs. Francisco Sant'Anna e Antonio Rubim, bem assim o dr. Azevedo, juiz de direito de S. Filomena e dr. Guarani, ex juiz de direito de Oeiras.

No dia 29 do passado cazou-se na Parnaíba o coronel Pacifico Castello-branco com a Exm.ª Sr.ª D. Filomena Fernandes Castello-branco. As nossas felicitações.

Chamamos a attenção dos leitores para um magnifico escripto do grande orador hespanhol, E. Castellar, publicado em outra parte deste jornal. Mudando o nome de Hespanha pelo do Brazil, parece que foi escripto para nós.

Typ. do Telephone.